

Resenha de: Guadalupe Correa-Cabrera e Tony Payan. 2021. *La guerra improvisada. Los años de Calderón y sus consecuencias*. Prólogo de Sergio Aguayo. Ciudad de México: Editorial Océano. ISBN 978-60-7557-304-5.

Rev. Bras. Est. Def. v. 13, e026006, 2026, p. 1-4
ISSN 2358-3932

RAFAEL RAMOS SOUSA

O livro a ser resenhado encontra-se dentro do gênero de não-ficção e os seus autores são Guadalupe Correa-Cabrera, esta que é Ph.D em Ciência Política e Professora Associada na *Schar School of Policy and Government, George Mason University*. O outro autor é Tony Payan, Ph.D. e diretor executivo do *Center for the U.S. and Mexico* no *Baker Institute for Public Policy da Rice University*, e também é professor de ciências sociais na *Universidad Autónoma de Ciudad Juárez* em Ciudad Juárez, Chihuahua, México.

A obra de Correa-Cabrera e Payan, intitulada “*La guerra improvisada. Los años de Calderón y sus consecuencias*” de 2021, nos permite compreender e refletir sobre a política entre México e Estados Unidos, a partir da visão de protagonismo mexicano na “Guerra contra o Narcotráfico”, esta política um símbolo do governo de Felipe Calderón Hinojosa entre os anos de 2006 a 2012, este que ainda reverbera na política mexicana atualmente.

As discussões na obra baseiam-se nos jogos de poder que envolvem membros da política, militares e a sua equipe de segurança pública, dentre eles um importante personagem na política de segurança mexicana do governo, que é Genaro Garcia Luna. A herança deixada por este governo, que consiste na permanência dos militares na função de segurança pública, é também discutida na obra e, segundo os autores, deve ser compreendida pelos próximos governos e servir de aprendizado.

O método utilizado para realizar a discussão na obra é por meio de entrevistas, sendo estas realizadas com personagens centrais no contexto mexicano a partir de 2006. A escolha por este método permite compreender a visão de diversos atores mexicanos e estadunidenses em relação

Rafael Ramos Sousa é graduado em História pela Universidade Estadual do Maranhão (MA); mestre em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (PR). Doutorando em Ciência Política e Relações Internacionais pela Universidade Federal da Paraíba (PB). Realiza pesquisa na área de militarização das redes sociais e narcotráfico e atores não estatais no México. Orcid.org/0009-0003-9084-7538. E-mail: rafaelramos9318@gmail.com.

ao momento, dentre eles Genaro Garcia Luna, Secretário de Segurança Pública, Sigrid Arzt Colunga, secretária do conselho técnico de segurança, e personagens como o governador de Michoacan, Lázaro Cárdenas Batel, este central na política de Calderón, e também Guillermo Valdés Castellanos, diretor-geral do Centro de Investigação e Segurança Nacional no governo Calderón.

Foram feitas entrevistas com os embaixadores dos Estados Unidos no México, Antonio O. “Tony” Garza e Carlos Pascual, que foram fundamentais para a composição da obra. As suas falas mostraram de que maneira era estabelecida a relação entre os estadunidenses e os mexicanos e qual a visão dos norte-americanos em relação à “guerra contra o narcotráfico”. E na obra são discutidos quais os reais papéis dos Estados Unidos em relação à “guerra” iniciada por Calderon.

Para compor as entrevistas e assim significar uma diversidade de debates e opiniões, os autores se preocuparam em compreender este contexto a partir da visão de pesquisadores que discutem sobre o crime organizado mexicano. As entrevistas são feitas com pesquisadores especialistas no tema, como Luis Astorga, que é professor da Universidad Autónoma do México (UNAM), e John Bailey, estadunidense, autor e pesquisador do crime organizado mexicano, assim como Andrew Selee, diretor do Instituto México do Woodrow Wilson Center.

Estas entrevistas com os “*policymakers*” e pesquisadores, do lado mexicano e também dos Estados Unidos, são fundamentais para nos oferecer uma discussão de diferentes visões sobre o contexto político mexicano interno e externo. As tomadas de decisões que levaram à participação de militares nas ruas foram parte de uma estratégia que divide opiniões; com isso, esta obra possibilita que possamos tirar as nossas próprias conclusões não somente da necessidade ou não da “guerra”, mas também da responsabilidade que é atribuída aos atores desta política.

Uma das principais discussões que esta obra nos possibilita é que, apesar da participação dos militares na tarefa de segurança pública e todo recurso humano e financeiro que os Estados Unidos tenham feito, inclusive utilizando da “*kingpin strategy*” ou “Estratégia do Rei”, que consistia em “descabeçar” os principais líderes das organizações criminosas, não foi suficiente para finalizar com o problema da segurança pública. Esse tipo de análise nos possibilita pensar que este é o fracasso do governo Calderón e também possibilitou que as organizações criminosas se mantivessem presentes dentro do México.

Consideramos que esta obra mostra não somente o insucesso desta política de combate ao crime organizado, mas também explicita o ponto central do livro, que é o imprevisto na política de “guerra contra o narcotráfico”

co”. O fato de membros do governo implementarem uma política com esta dimensão na vida de um país como algo improvisado possibilita pensar que as estruturas de Estado, principalmente as forças armadas, não estavam organizadas para lidar com um problema, que estas não seriam as melhores alternativas para solucionar este problema.

A falta de planejamento na execução desta política — e os autores a consideram improvisada — leva a discutir o papel do governo Calderon e a sua relação com os militares. O possível despreparo na tomada de decisões e manutenção da estrutura de governo foi fundamental para redesenhar uma política de combate às drogas em um país por mais de duas décadas em diferentes governos, sejam eles de esquerda ou de direita. E os governos seguintes mantiveram a presença de militares como responsáveis por uma função civil, que é a de segurança pública.

A obra de Correa-Cabrera e Payan critica o improvisado do governo Felipe Calderón em relação ao início da “guerra contra o narcotráfico”; os autores demonstram receio em se posicionar em relação ao fracasso completo das estratégias adotadas por mexicanos e estadunidenses. As heranças deixadas pelo desastre de operações como “*Operativo Conjunto Michoacán*” e também pela “*Operación Rápido y Furioso*”, esta poucas vezes citada pelos autores, significaram, no ano de 2009, a introdução de armamento dentro do México por estadunidenses por meio da Agência Federal de Álcool, Tabaco, Armas e Explosivos (ATF, na sigla em inglês), com intenção de rastrear o destino final das armas, abastecendo o crime organizado, e sem comprovação da sua eficácia.

A obra se divide em seis capítulos e comentários finais, além de uma epígrafe. A estrutura do livro possibilita que os leitores possam compreender as discussões internas que tornaram a “guerra contra o narcotráfico” um problema nacional e que perdura por quase 20 anos e sem uma solução a médio e longo prazo.

No primeiro capítulo, contextualiza-se o cenário de “guerra às drogas” no México e o caminho que foi seguido para chegar à decisão de colocar os militares nas ruas, realizando tarefas que antes eram atribuídas aos civis. No capítulo seguinte, é discutido o fato humano do governo, tanto do presidente como de alguns personagens que estavam alinhados ao governo de Felipe Calderón e que foram fundamentais para este momento de grande violência contra criminosos.

No terceiro capítulo, trata-se das dinâmicas de poder entre civis e militares e da relação com os Estados Unidos, sendo esta fundamental para a organização das estratégias do Estado contra o crime organizado. No quarto capítulo, intitulado “*Una guerra improvisada*”, este que dá título ao livro, os autores realizam discussões a respeito do fracasso das estratégias,

assim como da ascensão de grupos criminosos que passaram a se tornar empresas transnacionais.

São discutidas também as estratégias das forças armadas, a justificativa intelectual para a realização de uma “guerra contra narcotraficantes”, além de questões como direitos humanos e a militarização. Estes são temas sensíveis, por se tratar de um momento em que militares iniciam as suas atuações na segurança pública das cidades, em funções antes atribuídas aos civis. No capítulo seis, é discutida a cooperação entre os países e a dinâmica entre os membros de ambos os governos, principalmente a partir de uma questão entre as diplomacias dos países.

No capítulo 7, faz-se uma reflexão sobre o legado deixado por Felipe Calderón e a violência que marcou esse período, os direitos humanos e o retorno do Partido Revolucionário Institucional ao poder, com Peña Nieto, e de que maneira a segurança pública continua a ser um desafio para o governo subsequente de Andrés Manuel López Obrador (AMLO).

Nos dois últimos momentos, Correa-Cabrera e Payan realizam comentários finais endereçados ao governo AMLO, e o que este novo governo deve aprender com os erros e acertos do governo Calderón. E, por fim, realizam um epílogo a respeito de Genaro Garcia Luna e as suas acusações de relação com a organização criminosa “Cartel de Sinaloa”.

A reflexão sobre esta obra, mesmo com questões que deixaram de ser discutidas, ainda simboliza um trabalho inédito e de alta qualidade. A sua leitura serve para compreender os erros de um governo que iniciou uma política popular, porém com sérias necessidades de um plano bem organizado, e o imprevisto resultou no fracasso e, na sua repetição ao longo dos anos, manteve altos níveis de violência no país.

REFERÊNCIA

Jiménez, Georgina Olson. 2012. “El tráfico de armas de Estados Unidos hacia México”. In *Atlas de la Seguridad y la Defensa de México*, editado por Sergio Aguayo Quezada e Raúl Benítez Manaut. Colectivo de Análisis de la Seguridad con Democracia A.C. (Casede) (Diciembre).

Recebido em 21/07/2025. Aceito para publicação em 01/04/2026.